

CULTURA E NATUREZA: Formas não-eurocêntricas de compreensão das relações entre humanidade, paisagem e natureza¹

NEGRÃO, Giovanna Sanini Silva²
CARMONA-RIBEIRO, Ana Carolina³

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo geral elucidar a compreensão de formas não-eurocêntricas das relações entre humanidade, paisagem e natureza, propondo uma reflexão crítica sobre as transformações impostas ao espaço pela lógica capitalista e eurocêntrica, que, culturalmente, caracteriza-o como um produto social moldado por relações de poder baseadas na redução da natureza a um recurso explorável. No presente resumo, apresentam-se os resultados parciais de uma investigação teórico-histórica sobre o paisagismo pré-colombiano na região amazônica, a partir de uma metodologia estruturada em revisões bibliográficas sobre formas não-ocidentais de compreensão das relações entre humanidade, paisagem e natureza. A partir do conceito de “pensamento-paisagem”, do geógrafo Augustin Berque (2023), e dos princípios da *Carta da Paisagem das Américas* (2018), busca-se compreender como os povos originários intervieram em seus territórios, especialmente no processo de ocupação humana da Amazônia a partir do conceito de “floresta cultural”. Serão analisados, assim, o conceito de paisagem como construção cultural, não universal, ligado à percepção e à subjetividade, a partir das considerações de Berque — que discorre sobre o *pensamento-paisagem* — e as críticas à visão capitalista e colonialista da natureza, propondo reconexão com saberes tradicionais e apresentando o conceito de “Bem Viver”.

Palavras-chave: Paisagismo; Culturas pré-colombianas; Amazônia; Pensamento-paisagem.

INTRODUÇÃO

O ensino de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, de modo geral, permanece estruturado por uma perspectiva eurocêntrica, que marginaliza os saberes das culturas indígenas e afro-americanas e ignora as complexas relações que estas estabelecem com a paisagem do continente. Segundo Name e Moassab (2020), essa limitação epistemológica tem impedido a valorização de visões de mundo que compreendem a natureza para além da lógica utilitarista de exploração de recursos. Neste contexto, a investigação sobre o paisagismo pré-colombiano, particularmente na região amazônica, pode fomentar uma abordagem crítica, intercultural e decolonial no campo acadêmico e profissional. A pesquisa propõe um estudo teórico-histórico sobre as formas de intervenção territorial dos povos originários da Amazônia, analisando como seus modos de habitar e transformar a paisagem revelam uma concepção integrada entre natureza, cultura e território, capaz de oferecer importantes contribuições para reorientar práticas de ensino e projeto no campo do paisagismo. No presente resumo, discutem-se os conceitos de *natureza* e *paisagem*, estabelecendo as bases de um repertório teórico que fundamenta a pesquisa. Além disso, a pesquisa busca chegar na definição do conceito de

¹ Projeto de Iniciação Científica.

² Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de São Paulo - Campus São Paulo (IFSP - SPO); São Paulo - SP; g.sanini@aluno.ifsp.edu.br.

³ Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal de São Paulo - Campus São Paulo (IFSP - SPO); São Paulo - SP; ana.carmona@ifsp.edu.br.

“floresta cultural”, de modo a ampliar a compreensão sobre as interações históricas e culturais que moldaram a paisagem amazônica.

OBJETIVOS

O presente trabalho busca, a partir da relação entre diferentes abordagens teóricas, elucidar a compreensão de formas não-eurocêntricas das relações entre humanidade, paisagem e natureza, propondo uma reflexão crítica sobre as transformações impostas ao espaço e à paisagem pela lógica capitalista e eurocêntrica, que, culturalmente, caracteriza-os como um produto social, moldado por relações de poder baseadas na redução da natureza a um recurso explorável.

METODOLOGIA

Quanto à metodologia, foram estudadas obras ancoradas em saberes ancestrais, como as do ativista indígena Ailton Krenak (2019; 2020; 2022), investigações etnográficas e arqueológicas do arqueólogo Eduardo Neves (2022), além de reflexões que propõem outras formas de habitar e pensar a paisagem, como nos textos dos arquitetos e urbanistas Moassab e Name (2020) e do geógrafo Augustin Berque (2023). Em um segundo momento, tais reflexões serão articuladas ao estudo da história dos povos ancestrais da Amazônia e às recentes descobertas arqueológicas e paleobotânicas que permitem falar em um “floresta cultural”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de *paisagem*, embora amplamente utilizado nas ciências humanas, não é universal nem atemporal. Seu surgimento está enraizado no pensamento ocidental e reflete uma relação mediada entre sujeito e mundo, na qual a percepção visual está associada à cultura. Segundo Berque (2023), existe uma antinomia entre paisagem e pensamento: a paisagem está situada no espaço externo da observação e da admiração (*foris*), enquanto o pensamento se volta para o interior, para a introspecção (*intus*). Assim, a paisagem não é apenas o que se vê, mas o resultado de um processo simbólico que envolve sensibilidade, valores e interpretações culturais. Para Berque, é possível distinguir o pensamento *sobre* a paisagem — de base científica, artística ou filosófica — do *pensamento-paisagem*, que incorpora a dimensão subjetiva e cultural da experiência de povos tradicionais e ancestrais.

Essa discussão ganha relevância no cenário contemporâneo, no qual o interesse acadêmico pela *paisagem* cresce na mesma medida em que ela é degradada. Paradoxalmente, muitas das paisagens mais admiradas são heranças de civilizações que as construíram orientadas por valores estéticos e culturais tradicionais e cotidianos, não por conhecimento científico sistematizado. Para identificar a existência de pensamento *sobre* a paisagem em uma cultura, Berque (2023) propõe seis critérios fundamentais, como a presença de literatura que exalte lugares, jardins concebidos para deleite, arquitetura voltada à contemplação, pinturas do ambiente, vocábulos específicos e reflexão explícita sobre o tema. Além disso, identifica duas perspectivas científicas sobre a paisagem: a antropocêntrica, que a vê como produto da ação humana, e a objetiva, que a considera anterior à intervenção do homem. Sua síntese ressalta que a paisagem é híbrida — visível e invisível, material e espiritual — e que compreendê-la exige integrar ambas as dimensões.

A noção de natureza se entrelaça a essa reflexão. Derivada do latim *natura*, foi historicamente associada ao que nasce espontaneamente (Medeiros, 2021). Na Idade Média, era concebida como algo sagrado, mas a partir da Idade Moderna, com o Renascimento, o Antropocentrismo e o avanço do capitalismo, passou a ser tratada como recurso explorável. Segundo Krenak (2022), o colonialismo não apenas rompeu a relação

de pertencimento entre humanos e natureza, mas também estruturou mecanismos de exclusão, deslocando povos de seus territórios e marginalizando seus modos de vida. Essa lógica sustenta o mito do progresso, que naturaliza uma visão linear e acumulativa da história, reforçada por sistemas educacionais eurocêntricos. Em contraposição a esta lógica, o autor defende substituir o “desenvolver” pelo “envolver”, propondo práticas orientadas pelo bem-estar coletivo e pela reconexão com a natureza. Nesse sentido, conceitos como “povos e comunidades tradicionais”, “conhecimentos tradicionais”, “memória biocultural” e “Bem Viver” tornam-se centrais.

Segundo Rosa Acevedo (2024), povos e comunidades tradicionais se definem por formas próprias de organização social, uso de territórios e práticas transmitidas pela tradição, que não se restringe ao histórico, mas se dá nas relações e na adaptação a diferentes contextos. Seus conhecimentos englobam desde técnicas produtivas até saberes espirituais, constituindo resistência frente à expansão capitalista que busca capturá-los e descontextualizá-los. A “memória biocultural”, por sua vez, preserva as conexões entre natureza e cultura destes povos, sustentando modos de vida capazes de enfrentar a crise planetária (Sobode, 2024). Já o “Bem Viver”, conceito surgido do mundo indígena andino, apresenta-se como alternativa crítica ao paradigma desenvolvimentista – propondo harmonia e integração entre seres humanos e o mundo natural, negando a lógica hierárquica e cumulativa do capitalismo ocidental (Acosta, 2024). Um exemplo de aplicação do Bem Viver está na forma como os Krenak, indígenas da região do Baixo Recôncavo Baiano, se reconhecem como “pessoas coletivas”, transmitindo suas visões de mundo de geração em geração, e na relação com os elementos da natureza – como a que descreve com o Rio Doce (Watu) como um avô, um membro da família, e não recurso a ser explorado (Krenak, 2019). Nesse modo de vida, o rio não é propriedade privada, mas parte constitutiva do coletivo e de sua cosmologia, sustentando a identidade, a memória e a continuidade da comunidade. Essa perspectiva materializa o Bem Viver, pois rompe com a lógica utilitarista e coloca a vida — humana e não humana — em uma rede de reciprocidade e cuidado mútuo.

Na experiência dos povos indígenas e comunidades tradicionais da Amazônia, a natureza desempenhou um papel fundamental como meio intrínseco à expressão cultural; no caso da Amazônia, a floresta é resultado desse processo, sendo um registro vivo do processo de transformação da paisagem pela ação humana. Um exemplo disso, atualmente em grande evidência, é o reconhecimento da chamada “terra preta indígena” – um tipo de solo rico em nutrientes, de coloração escura devido ao acúmulo de matéria orgânica no solo da floresta amazônica, ao longo de sucessivas ocupações do território por populações indígenas. Esse tipo de solo, encontrado em muitos sítios arqueológicos de grandes dimensões e caracterizados por montículos e geoglifos (Neves, 2022), demonstra esta conexão indissociável entre natureza e cultura. Os povos tradicionais que ainda habitam sítios com presença de terra preta nos dias de hoje, perpetuam suas propriedades na medida em que exercem suas tarefas cotidianas e modos de vida: festas tradicionais, suas formas de habitar, plantar e colher, como é o caso do povo Tenharim, que habita a terra indígena de Marmelos, no Sul do Amazonas, um território historicamente ocupado por seus anciãos *Kagwahiva* e também por parentes isolados⁴.

*

Ao articular as reflexões de Berque e Krenak com a dos arquitetos Name e Moassab (2020) – que colocam em pauta como o ensino e a prática da Arquitetura e do Urbanismo permanecem marcados por um eurocentrismo que privilegia saberes e

⁴ Informação extraída da palestra *Arqueologias e memórias vegetais na Amazônia Antiga*, ministrada por Laura Pereira Furquim em 23 de agosto de 2025 na Fundação Ema Klabin, em São Paulo.

padrões ocidentais, reforçando estruturas coloniais e patriarcais, marginalizando outros conhecimentos e perpetuando desigualdades –, é possível compreender que *paisagem* e *natureza* são construções culturais historicamente situadas; e que existem múltiplas cosmologias capazes de produzir outras formas de viver e habitar. No campo da Arquitetura e Urbanismo, essa perspectiva implica romper com modelos colonialistas, integrando saberes tradicionais e suas formas de construir, de se relacionar com a natureza, de se organizar e se relacionar com o espaço. Tal abordagem pode promover justiça territorial e ambiental, além de fomentar práticas de planejamento mais sensíveis e éticas, capazes de responder às crises contemporâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfrentamento da crise ambiental contemporânea exige uma revisão profunda dos paradigmas que sustentam nossa relação com o mundo - entre eles, os conceitos de *paisagem* e *natureza*. Longe de serem categorias neutras ou universais, essas noções são historicamente construídas e culturalmente determinadas, marcadas por epistemologias eurocêntricas que reduziram a natureza a um recurso explorável e a paisagem a objeto de contemplação. Frente a essa lógica predatória, os saberes tradicionais oferecem alternativas potentes de entendimento e de relação com o ambiente, fundadas na interdependência entre seres humanos e o mundo natural, na ancestralidade e na memória coletiva. A partir de cosmologias que não separam sujeito e natureza, esses saberes apontam para formas de viver e habitar baseadas no cuidado, na reciprocidade e na continuidade da vida.

Nesse contexto, as noções de “memória biocultural” e “Bem Viver” emergem como ferramentas conceituais e políticas fundamentais. A primeira preserva e atualiza os vínculos históricos entre comunidades e seus territórios, valorizando práticas que articulam produção, cultura e espiritualidade. Já a segunda propõe uma lógica não desenvolvimentista, contrária à ideia de progresso acumulativo e à separação entre natureza e humanidade. Incorporar essas visões à discussão sobre paisagem e natureza permite superar a hegemonia do pensamento moderno ocidental e acolher racionalidades outras, plurais, que coexistem nos territórios e resistem ao apagamento.

Diante disso, torna-se imprescindível que o campo da Arquitetura e Urbanismo reconheça e integre essas abordagens. A formação acadêmica e as práticas profissionais ainda estão fortemente baseadas em modelos eurocêntricos, que ignoram ou subalternizam as contribuições de saberes tradicionais e suas formas de construir, organizar e se relacionar com o espaço e a paisagem. Ao considerar essas epistemologias, o campo pode se abrir para projetos que respeitem os modos de vida locais, promovam justiça territorial e ambiental, e contribuam com práticas de planejamento mais sensíveis, éticas e sustentáveis.

REFERÊNCIAS:

ACEVEDO, Rosa. **Povos e Comunidades Tradicionais**. In: PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, et al. **Dicionário de Ecologia Política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2024. p. 584 - 592.

ACOSTA, Alberto. **Bem viver**. In: PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, et al. **Dicionário de Ecologia Política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2024. p. 686 - 691.

BERQUE, Augustin. **O Pensamento-paisagem**. São Paulo: Edusp, 2023

FURQUIM, Laura. **Arqueologias e memórias vegetais na Amazônia Antiga**. São Paulo: 2025.

IFLA Américas. **Carta da paisagem das Américas**. [S.l.: s.n.]: 2018. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39726/0/08.Carta+de+las+Americas_final_12.pdf/1c7926b7-4667-4bee-ae7b-fce008af9f9b>. Acesso em: 20 nov. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MOASSAB, Andréia; NAME, Leo. **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: EdUNILA, 2020.

MEDEIROS, Rozélia. **Natureza**. Portal de Educação Ambiental, 09 abr. 2021. Disponível em: <<https://semil.sp.gov.br/educacaoambiental/prateleira-ambiental/natureza/>>. Acesso em: 18 ago. 2025.

NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central**. São Paulo: Ubu / Edusp, 2022.

SOBODE, Taata. **Memória Biocultural**. In: PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, et al. **Dicionário de Ecologia Política**. Rio de Janeiro: Consequência, 2024. p. 525 - 529.